



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

As universidades e os trânsitos da juventude: Angola, Portugal e Brasil – olhando não só para o retrovisor¹

Dagoberto José Fonseca

UNESP

dagobertojose@gmail.com

Com o estudo de Mário Pinto de Andrade (1997) se constata que uma parcela da juventude angolana, no final do século XIX, se encontra nas universidades portuguesas e em outros setores da sociedade lusa e tem uma opinião crítica referente ao destino estabelecido por Portugal frente as seus territórios ultramarinos, particularmente sobre Angola. Esta opinião está nos jornais e nos boletins informativos, mas também na literatura.

No transcurso do século passado, diversas personalidades nativas de Angola deixaram marcas da sua presença a evidenciar talentos versáteis na literatura, com particular incidência no jornalismo doutrinário, e também em estudos de carácter histórico, etnológico e filológico. (...) É sobretudo no período da 'imprensa livre' que se pode proceder à leitura dos escritos das gerações oitocentistas, os quais explicitam um jogo de oposições entre as tentativas de consolidação da ocupação colonial e o declínio da hegemonia econômica, política e cultural dos segmentos representativos da sociedade nativa. (...) Produtora de um jornalismo de opinião, a elite dos 'filhos da terra' exercita-se no estilo característico da *prosa polémica*². Esse escol de letrados discorre sobre a conflitualidade social que enfrenta e as formas de identidade cultural que busca (ANDRADE, 1997, p. 50).

Esta juventude angolana é parte integrante dos "brancos da terra" que são sujeitos asujeitados, pois se encontram na condição de colonizados, não de portugueses, e que se manifestam como portadores de uma identidade angolana, sobretudo a partir de seu lugar social frente à metrópole conquistadora.

¹ Resumo elaborado pelo Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca para Grupo de Trabalho – 54 - "Circulação Internacional de Estudantes: migrações temporárias, identidades e vivências "fora do lugar" do EIXO 07- Territórios e identidades: migrações, deslocamentos e diversidade cultural. Este Grupo de Trabalho é coordenado pelas professoras **Neusa Maria Mendes de Gusmão e Margarida Faria**.

² Destaque do autor, Mário de Andrade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Podemos inferir que há poucas, mas atentas vozes e homens letrados que se preocupam em trazer a população kimbundu, portanto de Luanda e arredores, a participar destas expressões e manifestações produzidas pela via da escrita. Como manifesta Joaquim Dias Cordeiro da Matta in “Ensaio de Dicionário Kimbundu-Português de 1893. Ele diz:

Este livrinho é escrito em quimbundo, para os negros (filhos de Angola) aprenderem a ler e escrever na sua língua e no seu ambiente. A pessoa para saber ler e escrever precisa ser ensinada na própria língua e não em língua estranha; por isso é que aquele que é ensinado na própria língua e não em língua estrangeira não aprende rapidamente porque as falas que lhe ensinam não as conhece nem as ouve; não as compreende. Aquele que desconhece a sua língua não consegue compreender a língua estranha, ainda que bem ensinada porque nada lhe diz (...) Este livrinho é escrito com todo o amor do vosso compatriota, que vos estima do coração; quando souberdes ler e escrever bem a nossa língua, entendereis que este vosso compatriota não era um sábio, mas trabalhou para o vosso bem! (MATTA, APUD ANDRADE, 1997, p. 53).

Esta realidade social produzida pela intelectualidade angolana no final do século XIX foi necessária para entendermos o seu desenvolvimento no transcorrer das primeiras décadas do século XX, especialmente por livros escritos, mas também pela difusão de jornais, tais como: Arauto Africano e Gazeta de Luanda. No entanto como demonstra e analisa Andrade há inúmeros órgãos de informação, tais como jornais e boletins, produzidos por negros nos idos de 1911 na Europa e em diversos países africanos, sobretudo porque havia uma “imprensa livre” como destacou anteriormente o próprio Mário de Andrade neste período. Vale destacar que estes órgãos estavam ligados a sindicatos de trabalhadores, associações estudantis e que também vieram a manter relações estreitas com os partidos socialistas e comunistas europeus nas décadas subseqüentes até as independências (ANDRADE, 1997; BENDER, 2004).

Diante deste breve quadro social, verificamos que as contribuições lançadas pela elite letrada de Luanda, que configurou também a “emergência do protonacionalismo”³ das populações que estavam sob o jugo colonial português, foram de extrema importância para a juventude angolana que desejava fazer o seu curso superior no período que culminou com os desfechos da II Grande Guerra (1945) e as mobilizações internacionais para a

³ Referência ao capítulo 1 do livro de Mário de Andrade, *Origens do Nacionalismo Africano* (1997).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

independência de países africanos, sobretudo a vontade de estudar em Portugal. Constatamos, todavia, que esta população jovem, particularmente, negra angolana que vai para Portugal estudar são os ‘filhos de Luanda’, isto é membros seletos da etnia kimbundu e de outras etnias angolanas, e, ainda, mestiços (mulatos e cabritos). Porém, o que os identifica neste contexto é o fato de que todos passaram pelo processo de assimilação⁴ dos valores luso-ocidentais e cristãos. Verificamos isto, por exemplo, na história social e familiar tanto de Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Joaquim Pinto de Andrade, Lúcio Lara, Jonas Savimbi⁵. Este fator social e identitário também está por exemplo, na biografia de Amílcar Cabral⁶(MATEUS, 1999).

A maioria daqueles que foi estudar em Portugal vinham de famílias que mantiveram contatos estreitos com o mundo sociocultural português e com o cristianismo (católico ou protestante). E que fizeram da Casa do Estudante do Império o seu lugar de estudo e, principalmente, puderam ampliar o seu repertório cultural e linguístico, mas também a capacidade de dialogar com um universo intelectual e político mais amplo que estava em Portugal e na França. Diante deste quadro histórico muitos deles assistiram os desdobramentos da II Grande Guerra particularmente os ecos que vinham da França, mas também de toda a Europa, dos Estados Unidos da América do Norte e da Rússia.

Casa do Estudante do Império – os líderes independentistas lusófonos

O fato de estudar em Portugal, particularmente em Coimbra ou em Lisboa, era um nítido sinal de prestígio social destas famílias assimiladas, posto que elas (famílias) também ampliavam o seu reconhecimento político no seio da comunidade nativa, mas também entre os próprios lusos radicados em Angola. Evidentemente que não era qualquer família assimilada que tinha condições políticas, econômicas e sociais para enviar seus filhos a estudarem em Portugal, necessitava-se de alianças estratégicas e pontuais a serem

⁴ Sobre os processos de assimilação e da constituição do assimilado ver em Bender (2004). Neste breve relatório não nos aprofundaremos nesta questão, mas a consideramos relevantes e merecerá atenção maior em texto futuro e artigos referentes ao estudo em foco.

⁵ Líder independentista da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola).

⁶ Líder independentista de Guiné-Bissau e Cabo Verde.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

efetivadas para tal intento com as citadas autoridades lusas e crioulas⁷ (mulatas, cabritas) residentes em Luanda ou nas principais cidades d'Angola.

Até porque a maioria das escolas do ensino oficial⁸ nas colônias estava situada nas capitais, onde estavam a maioria das crianças, filhas das autoridades coloniais (brancas, negras e mestiças), mas também dos servidores situados nos setores baixos e médios da administração. Já o ensino missionário e catequético promovido pelas congregações religiosas católicas e por escolas protestantes se situava na capital e nas demais províncias angolanas.

Os angolanos negros, brancos e mestiços aprendiam aquilo que era interessante aos conquistadores lusos⁹. Mateus ao citar John Paul menciona que os alunos moçambicanos “tinham que aprender as linhas da rede de caminho de ferro portuguesa, mas não tinham a mais pequena idéia se havia quaisquer comboios em Moçambique” (MATEUS, 1997, p. 26). Somente na década de 1960 é que os livros tiveram um conteúdo mais voltado à realidade africana, tratando aspectos da realidade do campo e da cidade, mas, sobretudo informando as relações pacíficas e a grande contribuição dos portugueses e demais europeus para o desenvolvimento d'Angola em particular e d'África no geral. Essa educação focada na cultura luso-ocidental e cristã forjou a população de assimilados que era enviada para Portugal para ingressar no ensino superior.

Segundo Mateus (1997, p. 23):

Em 1950, os assimilados seriam 30.000 em Angola, 4350 em Moçambique e 1500 na Guiné-Bissau. E o número de assimilados negros, em Angola, teria passado de 24.000 em 1940 para 30.000 em 1950 e para 38.000 em 1960, tendo, pois, aumentando de 17.000 pessoas em vinte anos. Em 1960, negros e mestiços *civilizados* representavam cerca de um terço do total dos civilizados (cerca de 270.000 mil pessoas) e menos de 2% da população angolana. Era, na sua

⁷ Segundo Dias (apud MATEUS, 1997, p. 45): “esta categoria sociocultural que engloba uma vasta gama de elementos heterogêneos, desde os descendentes dos europeus nascidos localmente (tanto brancos como mestiços) aos africanos destribalizados, mais ou menos adaptados à cultura europeia (os chamados civilizados ou assimilados na terminologia colonial portuguesa)”.

⁸ Maiores detalhes e análises sobre o ensino oficial e sua evolução em Angola dos anos de 1945-1973 ver MATEUS, 1997, p. 26-41.

⁹ Esta realidade também ocorreu em todas as nações africanas que foram conquistadas por ingleses, franceses e belgas. Assim, a história aprendida pelos marfinenses, gabonenses, por exemplo, era a do povo gaulês. Desta maneira, aprendia-se a ser francês, português, inglês, belga, por exemplo, mas se mencionava apenas alguns poucos aspectos da realidade física destas nações africanas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

maioria, gente das cidades e, sobretudo, da capital: 25% dos mestiços e 35% dos negros assimilados habitavam Luanda (MATEUS, 1997, p. 23).

Vale ressaltar que a maioria dos que tiveram condições de ser selecionada pelas autoridades mencionadas estava em Luanda. Desta forma, esta maioria era da etnia kimbundu, aquela que constituirá mais tarde a base do MPLA e que residirá na Casa dos Estudantes do Império e, ainda, que esta população de assimilados era constituída de funcionários assalariados, particularmente lotados na administração pública local ou do governo central de Angola, presente na capital. Estes se situavam nos diversos postos dos serviços públicos, no entanto ocupavam no máximo cargos intermédios destas administrações públicas. Havia aqueles que eram “empregados de comércio, dos serviços, dos transportes, ou, ainda, operários especializados. Alguns poucos seriam gerentes ou técnicos” (MATEUS, 1997, p. 25). Estes eram aqueles que tiveram a possibilidade de enviar os seus filhos para estudarem em Portugal e ficarem na Casa dos Estudantes do Império.

A Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi fundada em 1944, “numa Assembléia Geral das Casas de Angola, Moçambique e Cabo Verde. Fora patrocinada pelo Ministro das Colônias, Vieira Machado, e pelo Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, Marcello Caetano” (MATEUS, 1999, p. 66). A instituição da CEI tinha como base uma proposta política em sua fundamentação, pois ela visava agregar todos os estudantes africanos das colônias, ou seja, o seu objetivo era o controle desta população estudantil. Dizia Vieira Machado:

No meu espírito germinara já a idéia de fundar na Metrópole uma Casa dos Estudantes do Império Colonial (...) A Casa dos Estudantes de Angola era útil, mas insuficiente (...) Queremos as colônias integradas num todo nacional (Apud MATEUS, 1999, p. 66).

Esta política baseava-se no Ato Colonial de 1930 e na Constituição de 1933 que visava à missão civilizadora e a integração dos assimilados ao ensino oficial e missionário a partir de uma política universitária que garantisse o projeto colonial, mesmo quando o Estado português adotou o projeto integracionista a partir de uma perspectiva de nação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pluricontinental indivisível que ligava o território luso do Minho ao Timor Leste (MATEUS, 1999).

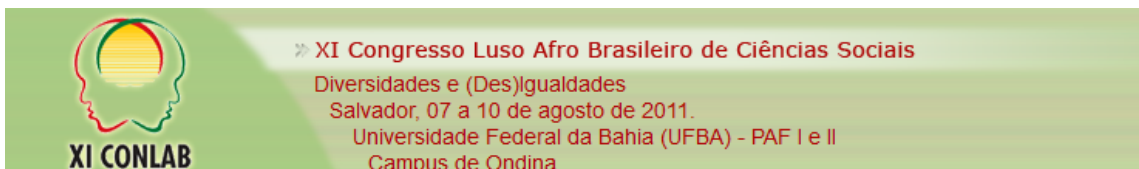
O fato relevante neste processo da imigração estudantil universitária angolana e assimilada para Portugal (GUSMÃO, 2005, FARIA, 2009) e o fato dela se hospedar na CEI era o temor do regime salazarista e ele se concretizou, na década de 1950, aos poucos em solo lusitano. Isto é com o ingresso de angolanos e de outros filhos de nações que compreendiam a nação pluricontinental portuguesa se constituem numa elite intelectual e política que veio no futuro a desencadear ou acelerar as lutas independentistas nos territórios conquistados no século XV.

Na década de 1960, quando se com a constitui os Estudos Gerais Universitários em Angola, já se estava em luta aberta pela independência angolana. Agostinho Neto, Lúcio Lara, por exemplo, já haviam constituído o movimento independentista (MPLA) - Movimento Popular de Libertação de Angola, enquanto Jonas Savimbi, Jorge Valentim, Jeremias Chitunda, Jerônimo Wanga, Jaka Jamba, por exemplo, constituíam a UNITA (MATEUS, 1999).

Neste contexto é singular o papel exercido pelas igrejas cristãs (católica e protestantes) ¹⁰ no desenrolar deste processo que foi a independência, mas também o de formação de quadros para os diversos movimentos de libertação e também de repressão e manutenção da ordem estabelecida (GRAMSCI, 1982).

Vale destacar que a CEI foi durante longo tempo de sua vigência um local de encontro das “células comunistas”. Mesmo tendo sido constituída pelo regime salazarista para atender os interesses do império ultramarino. Aqueles que ali estiveram fizeram o contrário do que havia sido disposto pelos portugueses. A CEI contribuiu fortemente para a queda do regime e das independências dos países africanos de língua oficial portuguesa, sendo um pólo irradiador das políticas nativistas e geradora de quadros para a formação das elites pensantes em Angola e nos demais países, tanto que ali estiveram os pais fundadores do MPLA e do PAIGC, mesmo Eduardo Mondlane esteve dando umas passadas por lá a fim de aprimorar e intercambiar informações, levando-as para a FRELIMO (Frente de

¹⁰ Se faz imperativo e urgente um estudo sobre o papel das missões protestantes em Angola e nos demais países africanos acerca dos processos independentistas.



Libertação de Moçambique). Como bem disse e de modo exagerado o jornalista Amândio César (apud MATEUS, 1999, p. 74):

As duas Casas dos Estudantes do Império (a de Lisboa e a de Coimbra) estavam sempre fortemente infiltradas por elementos comunistas ou criptocomunistas, a tal ponto que foram ponto de partida para poderem ser consideradas como centros ideais do separatismo e do nacionalismo nativista.

No entanto, outras organizações foram sendo criadas por angolanos e outras nacionalidades também tiveram o seu papel ímpar na independência d'Angola, tais como o Clube Marítimo Africano, o Centro de Estudos Africanos e a Casa da África. Estas instituições também estavam ligadas em níveis distintos aos partidos comunistas. Pepetela (apud MATEUS, 1999, p. 85) nos informa que os comunistas eram,

os únicos que tem uma organização eficaz. Dominam o movimento estudantil e podes ter a certeza que os estudantes nada fazem sem o seu apoio ou pelo menos o seu aval. Até na Casa, sem que a malta saiba, eles tem uma grande influência. Os movimentos anticoloniais que foram surgindo, mesmo que independentes, foram sempre mais ou menos camufladamente encorajados por eles.

Muitos dos dirigentes independentistas angolanos, tais como Agostinho Neto, Mario de Andrade serão também integrantes do Movimento Unidade Democrática Juvenil que era uma organização estudantil de carácter comunista.

Diante deste contexto constatamos que o processo de constituição desta elite pensante a partir das universidades lusas, sediadas especialmente em Coimbra e em Lisboa, foi fundamental, sobretudo porque estes estudantes universitários angolanos, já na década de 1970, tiveram que assumir o controle do país com a independência.

A juventude retornada, o contexto intelectual: as universidades angolanas

– foco analítico

Desde a década de 1970, Angola se modificou política, social, econômica e culturalmente e a sua juventude estudantil também. Nestes 40 últimos anos, muitos estudantes saíram do país e estudaram em inúmeras nações de cunho socialista, mas muitos continuaram estudando na antiga metrópole (GUSMÃO, 2005; FARIA, 2009) e um número



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

significativo foi para o Brasil frequentar os cursos de graduação ou pós-graduação, em decorrência do Programa Estudante Convênio (PEC) (FONSECA, 2009a, GUSMÃO, 2009).

Atualmente, a juventude angolana continua a sair, mas em menor quantidade, em função da abertura de diversas universidades públicas. Este processo deu-se em 2009 quando o Conselho de Ministros aprovou o decreto que estabelecia a criação de universidades a fim de atender as seguintes províncias: 11 de Novembro (Cabinda e Zaire), José Eduardo dos Santos (Huambo, Bié e Moxico), Mandume (Huíla, Namibe, Kuando Kubango e Cunene), Kimpa Vita (Uíge e Kwanza Norte), Lueji (Lunda Norte, Lunda Sul e Malanje) e Katiavala (Benguela e Kwanza Sul). Mas, também houve a criação de novas universidades privadas, especialmente na província de Luanda.

A abertura de diversas de instituições de ensino superior nas diferentes províncias e regiões do país veio a partir de um conjunto de fatores, tais como: o advento da paz, conquistada em 2002; pela abertura econômica e a adoção do capitalismo; pelo crescimento econômico que Angola tem adquirido neste início de século XXI, particularmente com as exportações de petróleo; mas também pela necessidade de fazer com que as outras regiões e províncias do país possam construir a sua infraestrutura básica (educação, saúde, transporte, energia, habitação, tecnologia) para o desenvolvimento norteada pela paz e pelos demais fatores mencionados acima, com isto se solicita da juventude angolana empenho, maior qualificação profissional e a necessidade de participar no projeto de (re)construção do país, bem como de seu desenvolvimento (FONSECA, 2009a).

A necessidade da juventude também se coloca pelo Estado e pelos diversos agentes econômicos e políticos que precisam inculcar outros valores socioculturais na juventude, pois muitos ainda somente conhecem a manipulação de instrumentais bélicos em decorrência da guerra findada recentemente, ou seja, nove anos (2002-2011). Daí que a implantação de novas universidades públicas no país se apresenta também como um ato inequívoco do Estado angolano em fazer com que a paz se consolide em todas as províncias, na medida em que distribui poder, conhecimento e ciência, ou seja, se inicia um processo novo de circulação de bens materiais e simbólicos, bem como pessoas. Segundo a decana da Faculdade de Economia da Universidade Agostinho Neto, Sílvia V. do Amaral,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a criação de seis novas universidades públicas no país como um dos muitos ganhos da paz e o mais importante registrado no ensino superior em Angola (...) a criação destas novas universidades permitiu estender o ensino superior nas 18 províncias do país, contrariamente ao período anterior em que apenas cinco províncias, além de Luanda, possuíam núcleos de faculdades.¹¹

Todo este processo conjugado tem promovido a permanência de parte considerável da juventude em solo angolano, mas também o retorno de diversos jovens formados e recém formados em universidades brasileiras e portuguesas ou de outros países como, por exemplo, Cuba e Portugal, para serem docentes nestas novas universidades. A expansão da rede de ensino superior público em Angola tem permitido o crescente ingresso de jovens estudantes nas faculdades e institutos superiores, segundo Silvia V. do Amaral esta expansão

demonstra a preocupação do Executivo angolano no que tange a capacitação dos recursos humanos, para que estes possam desempenhar melhor as suas funções, visando o desenvolvimento equilibrado do país. (...) A única universidade que havia não satisfazia a crescente demanda de candidatos. Em muitas províncias o nível máximo de alguns quadros era o ensino médio, mas com a entrada em funcionamento de novas universidades o quadro evoluiu consideravelmente. (...) Houve um aumento brusco da população discente e também do corpo docente, uma vez que em tempo de guerra, devido a instabilidade que o país vivia, nenhum professor aceitava trabalhar fora de Luanda, mas hoje assistimos a uma correria enorme.¹²

Segundo dados fornecidos pelo Pró-Reitor para Cooperação da Universidade "José Eduardo dos Santos", situada na Província de Huambo, Armindo Jelembi, em 2009 havia

¹¹ Disponível

http://www.angolasite.com/Educao/Cria_o_de_novas_universidades_p_blicas_apontada_como_um_ganho_da_paz. Acesso em 22/05/2011.

¹² Disponível em

<http://www.angolasite.com/Educao/Cria_o_de_novas_universidades_p_blicas_apontada_como_um_ganho_da_paz>. Acesso em: 22/05/2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cerca de 1960 estudantes matriculados nesta instituição de ensino superior. Atualmente (2011) há aproximadamente 5.000 alunos somente nesta instituição.¹³

Porém, se a expansão do ensino público universitário em Angola é uma conquista importante, isto não implica que esta expansão seja destituída de problemas, sobretudo em um país marcado pelos problemas de boa governança institucional, inclusive nas universidades, pois há contradições e falhas nos processos de implantação destas complexas e pesadas estruturas acadêmicas, particularmente aqueles que são comuns as novas instalações que não buscam a participação das populações locais e nem das vocações da região, segundo o ponto de vista cultural, social e histórico, mas tão somente se busca a vocação pela base econômica e o interesse político, ou seja, muitas instalações de campi novos visam fomentar nas regiões e nas populações locais uma vocação nova em detrimento da velha e tradicional, pois esta está pautada pelo passado, pela etnicidade territorial o que não se quer manter, na medida em que a universidade vem também para diminuir o papel da etnia, da tradição, do conhecimento antigo e o poder dos velhos feiticeiros e sobas.

A expansão universitária angolana também não produziu a distribuição de poder político no país, mas aumentou o poder do governo e do partido governista (MPLA) nas províncias, na medida em que se difunde via universidade o conceito de desenvolvimento e de erradicação do analfabetismo e da pobreza no país inteiro (FONSECA, 2008; FONSECA, 2009). Outro fator é que esta expansão não ofereceu, ainda, a descentralização das decisões e dos recursos financeiros, nem deu conta de formar um amplo leque de docentes e gestores preparados para este desafio de implantação destas pesadas e complexas estruturas acadêmicas e acabaram fazendo gestões desastrosas, pautadas pela corrupção e nepotismo, elementos próprios da estrutura cultural e política presente pela burocracia e concentração de poder produzido pelo Estado angolano e suas instituições, bem como pelo paternalismo e populismo promovido pelo MPLA (BENDER, 2004; HODGES, 2002; NUNO E ANDRADE, 2007).

¹³ Disponível em http://www.angolasite.com/Sociedade/Paz_permitiu_o_aumento_da_popula_o_estudantil. Acesso em 22/05/2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Esta realidade contraditória e complexa torna-se mais emblemática porque a expansão da vida universitária angolana também pode significar o avanço da democracia e a conquista da distribuição gradativa dos bens produzidos a partir do petróleo, enfim do desenvolvimento sustentável, particularmente com o ingresso desta juventude que retorna ao país com estes ideários acima expostos (democracia, distribuição de renda e poder) para todos os angolanos (FONSECA, 2009). Ideais estes que estiveram na base daquela juventude que estudou na Casa do Estudante do Império nas décadas de 1940, 1950 e 1960 e que, posteriormente, fez a independência de Portugal, lutando para que Angola não concentrasse renda e poder nas mãos de poucos.

Daí considerarmos que o papel da juventude universitária angolana que retorna ao país, bem como aquela que estuda nas universidades (públicas ou privadas) do país a partir de um novo protagonismo político, cultural, social, econômico e científico ensejado pela atual conjuntura desencadeada pela paz está a gestar um diferente papel político, na medida em que ocupa um outro lugar daquele ocupado pelo ex-combatente e pelo antigo professor universitário que aceitava sem críticas as determinações vindas da “cidade alta”.

Esta juventude retornada e a local juntamente com docentes das principais universidades do país sentem a abertura política alcançada com a paz e os sinais dados pelo sopro democrático (FARIA, 2009). Desta maneira, começam a produzir suas críticas. Veja as citadas abaixo do jovem prof. Paulo Farias, do professor Antonio Santana e do decano Justino Pinto de Andrade da Universidade Independente de Angola. Eles nos falam sobre o papel do intelectual e do acadêmico em Angola neste momento:

Nós pretendemos em Angola, desde 1991, construir o Estado Democrático de Direito, que respeite as diferenças, que respeite o pluralismo político, de opinião, as liberdades individuais das pessoas e também obviamente que se preserve a nossa cultura. (...) Parece que o Estado olha para os intelectuais como uma espécie de inimigos. Este aspecto também tem a ver com a cultura do sistema político que vivemos durante muito tempo que era muito pouco tido as liberdades. Portanto, era tudo para o Estado e nada para o cidadão. Aquela cultura de regimes autoritários e essa vivência de quase 30 anos no regime autoritário também não permite que esse espaço que hoje seja mais amplo. Há, portanto, poucos anos depois da paz (FONSECA, 2009, p. 109).

Da minha parte, por exemplo, acho que a minha melhor contribuição tem sido no campo da docência, porque eu estou a formar gerações. E o professor como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

docente, querendo ou não, eu sou um formador de opinião, exerço influencia sobre os meus estudantes. (FONSECA, 2009, p. 110).

Eu penso que agora, com a paz, já se começa a assistir a um comportamento distinto da parte dos intelectuais, no sentido de começarem a assumir o seu papel. Já começam a produzir idéias, criar opiniões, interagir com a sociedade, e, no fundo, a provocar uma revolução na cabeça das pessoas; através do que eles falam, pintam, escrevem e do que fazem perante a sociedade. Eu acho que nós, a essa altura, já quebramos o momento da ausência que vivenciamos durante a guerra, quando os intelectuais se silenciaram. E se silenciaram porque estavam cúmplices com a guerra, controlaram partidos durante a guerra, ou era de um lado ou era do outro – sobretudo era mais de um lado do que de outro. Então eles eram cúmplices com a guerra. (...) Eu nunca pactuei com regimes que suprimem a liberdade. Durmo descansado. Não acordo à noite a gritar de arrependimento, mas há muita gente aí que não deve dormir muito bem à noite, precisamente porque foram cúmplices, confundiram, ou melhor, não perceberam que o fim último da independência não era a bandeira, o hino e o presidente preto, era a liberdade e o desenvolvimento (FONSECA, 2009, p. 111).

As afirmações acima citadas são de homens que estão em suas universidades (públicas e privadas) e que possuem uma identidade com o projeto de nação que passa pelo apoio de uma juventude que venha a contribuir com a transformação da vida social angolana e produza as modificações necessárias para que Angola consiga ter um estado rico, mas também uma população rica, sobretudo calcada na paz e no desenvolvimento social, científico e tecnológico.

No entanto estes docentes mencionados e esta juventude universitária, ambos necessitarão lutar com as velhas bases construídas pela cultura centralizadora dos antigos sobas, dos burocratas e políticos do Estado Angolano, como também terão contato com novos e velhos docentes das universidades angolanas que carregam e lutam por prestígio e poder no meio acadêmico, mas não visam a construção da mesma nação até porque não possuem o mesmo conceito e diretriz para a nacionalidade angolana, sobretudo porque muitos construíram seus projetos de nação e nacionalidade fora de Angola (Brasil, Portugal, Cuba, etc.) ou mesmo em Angola, mas longe de Luanda.

Bibliografia

ANDRADE, Mário Pinto de. **Origens do nacionalismo africano** – continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa: 1911-1961. Lisboa: Dom Quixote, 1997.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Disponível

http://www.angolasite.com/Educao/Cria_o_de_novas_universidades_p_blicas_apontada_como_um_ganho_da_paz. Acesso em 22/05/2011.

Disponível

em

<http://www.angolasite.com/Educao/Cria_o_de_novas_universidades_p_blicas_apontada_como_um_ganho_da_paz>. Acesso em: 22/05/2011.

Disponível em

http://www.angolasite.com/Sociedade/Paz_permitiu_o_aumento_da_popula_o_estudantil. Acesso em 22/05/2011.

BENDER, Gerald J. **Angola sob o domínio português – mito e realidade**. Luanda, Col. Ensaio - 21, 2004.

FARIA, Margarida Lima de. Cooperação no âmbito do ensino superior: ser estudante angolano em universidades portuguesas. In: Dossiê – Ensino superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal. Coordenação Neusa Maria Mendes Gusmão. Campinas: Revista Pro-posições, Faculdade de Educação, UNICAMP, v. 20, nº 1., jan/abr, 2009a, pp. 45-63.

FONSECA, Dagoberto José. Angola, Moçambique e Brasil: línguas, identidades e relações étnicas – desafios e interpretações. In: **Convivência na diversidade**: cultura, educação e mídia. Org. Clodoaldo M. Cardoso. Bauru: Cultura Acadêmica, UNESP/FAAC, 2008, pp. 41-60.

_____. **Nas marolas do Atlântico**: interpretações de Angola, da África, do Brasil e de Portugal. Campinas: Relatório científico (pós-doutoramento), Faculdade de Educação, UNICAMP, 2009.

_____. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. In: Dossiê – Ensino superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal. Coordenação Neusa Maria Mendes Gusmão. Campinas: Revista Pro-posições, Faculdade de Educação, UNICAMP, v. 20, nº 1., jan/abr, 2009a, pp. 23-44.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Os filhos da África em Portugal:** antropologia, multiculturalidade e educação. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

_____. Apresentação. In: Dossiê – Ensino superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal. Coordenação Neusa Maria Mendes Gusmão. Campinas: Revista Pro-posições, Faculdade de Educação, UNICAMP, v. 20, nº 1., jan/abr, 2009a, pp. 15-21.

HODGES, Tony. **Angola: do afro-estalinismo ao capitalismo selvagem.** Cascais. Principia, 2002.

MATEUS, Dalila Cabrita. **A luta pela independência:** a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC. Mem Martins: Inquérito, 1999.

VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto de. **O processo de transição para o multipartidarismo em Angola.** Lisboa: Firmamento, 2007.